



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

TIM BURTON E O CONCEITO DE FRUSTRAÇÃO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA A PARTIR DO FILME “A FANTÁSTICA FABRICA DE CHOCOLATE”

Estela Belluzzi Freitas¹, Jaqueline Feltrin Inada²

¹Acadêmica do Curso de Psicologia, Centro Universitário de Maringá - UNICESUMAR. PIC-UniCesumar. estelabfreitas@hotmail.com

²Orientadora, Doutora, Jaqueline.inada@unicesumar.edu.br

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo abordar como a frustração é exposta nos filmes do diretor Tim Burton, tendo como referencial de pesquisa a teoria psicanalítica de Freud, a sociologia de Edgar Morin e o autor de cinematografias de grandes diretores do cinema, Paul A. Woods. Esta pesquisa foi realizada por meio de um levantamento bibliográfico, de cunho exploratório, a qual objetiva a familiarização com um assunto ainda relativamente pouco explorado¹, como a frustração na sociedade hipermoderna, tendo o cinema como elemento de conexão, capaz de influenciar a própria sociedade atual. Tal preferência por este diretor advém de sua abordagem ao tema que se pretende tratar, a frustração, já que em seus filmes, tal temática é muito presente. Para tal explanação das produções de Tim Burton, foi selecionado o filme *A fantástica fábrica de chocolate*, baseado no livro de Roald Dahl, pelo fato de apresentar personagens caricatos, mas que devem lidar com a frustração a cada “prova” em que passam no decorrer do filme. Os resultados obtidos foram de que as produções cinematográficas dirigidas por Tim Burton confrontam a cultura da não frustração, principalmente no filme *A fantástica fábrica de chocolate*; os personagens do filme caracterizam a hipermodernidade de indivíduos que tem dificuldade em lidar com a frustração; as produções de Tim Burton podem ser consideradas terapêuticas e, por fim que o cinema e as produções do diretor têm influência sobre os telespectadores.

PALAVRAS-CHAVE: Frustração; Psicanálise; Tim Burton; Hipermodernidade.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a investigar, através de uma revisão bibliográfica, ou seja, de um estudo teórico, como a frustração é exposta nos filmes do diretor Timothy William Burton, mais conhecido como Tim Burton, tendo como referência de pesquisa a teoria psicanalítica de Freud (1856-1939), a sociologia de Edgar Morin (1921) e o autor de cinematografias de grandes diretores do cinema, Paul A. Woods (2011).

O tema foi escolhido por se tratar de uma discussão vigente: a dificuldade em aceitar frustrações. Nesse sentido, destaca-se a facilidade com a qual o diretor aborda esse tema de difícil “digestão” de maneira natural e, de certa forma, indiferente a possíveis críticas aos seus filmes.

Tal preferência por este diretor advém de sua abordagem ao tema que se pretende tratar, a frustração, já que em seus filmes, assim como cita o livro *O estranho mundo de Tim Burton*, do autor Paul A. Woods (2011), tal temática é muito presente.

A Disneylândia de Burton tem a atmosfera da Mansão Mal-Assombrada do parque, com seus fantasmas zombeteiros e brincalhões, juntamente com a floresta da Branca de Neve, onde mulheres bonitas se transformam em velhas caducas e os medos de crianças pré-púberes se refletem em árvores sombrias e retorcidas (WOODS, pg.9, 2011).

Para tal explanação das produções de Tim Burton, foi selecionado o filme *A fantástica fábrica de chocolate*, baseado no livro de Roald Dahl, de mesmo título, pelo fato de apresentar personagens caricatos, mas que devem lidar com a frustração a cada “prova” que passam no decorrer do longa metragem. Podemos usar como amostra o trecho abaixo em que Woods (2011) exemplifica o caricaturismo de um dos personagens e as “provas” que ele tem que passar ao longo do filme.

1 Sites acadêmicos:

Google Acadêmico: <https://scholar.google.com.br/schhp?hl=pt-BR&as_sdt=0,5> Acesso em: 28 março, 2016.

SciELO: <<http://search.scielo.org/?q=&where=SCL>> Acesso em: 28 março, 2016.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

O Wonka de Depp tem um sopro do Fantasma da Ópera de Lon Chaney, o mestre torturador. E cada cenário é um pequeno filme de terror. A reprimenda de Veruca na Sala das Nozes é melhor que qualquer coisa em ambas as versões de *A vingança de Willard* (WOODS, pg.292, 2011).

Explanando sobre o filme brevemente, a história vem contar sobre um chocolateiro (Willy Wonka) muito excêntrico, que decide reabrir a sua fábrica que estava fechada por quinze anos, por conta do roubo das receitas de suas invenções pelos seus funcionários.

Com a abertura, Wonka decide realizar um concurso mundial para que cinco crianças possam entrar em sua fábrica, caso achem um bilhete dourado em uma das barras de chocolate. O primeiro a encontrar é o garoto alemão “rechonchudo” Augustus Gloop. Na sequência, a criança premiada é a “mimada” e rica Veruca Salt. O terceiro bilhete é achado pela “confiante” mascadora de chicletes Violet Beauregarde. O quarto bilhete fica com Mike Teavee, um garoto apaixonado por tecnologia e jogos violentos. E, por fim, tem-se Charlie Bucket, um garoto pobre que teve a chance de comprar a barra de chocolate em que achou o bilhete dourado quando encontrou dinheiro em meio a neve. As cinco crianças, juntas de seus responsáveis, adentram a fábrica e é onde passarão por várias lições, de modo que apenas uma delas chegará ao fim e ganhará o grande prêmio.

Tim Burton expõe em suas produções uma visão peculiar, apresentando um humor negro e expressionista para retratar crianças, em sua maioria desajustadas ao meio, não tendo receio em mostrar, de forma, muitas vezes, sarcástica, os medos e as frustrações infantis que, em alguns personagens, perduram até a vida adulta. Apesar de todas as exposições à frustração que o diretor faz em seus filmes, as produções são vistas e bem avaliadas por um público cada vez maior. “Na tela, nos identificamos com simpáticas aberrações, monstros ou demônios, e também com o Morcego, ou pelo menos com seus sonhos sexuais reprimidos ao se deitar com a Gata” (WOODS, pg.12, 2011).

Assim como apontado por Woods, fica clara a identificação dos telespectadores com os filmes. Woods (2011) nos diz que esse fenômeno também está presente no próprio diretor. Isso porque, mesmo que relutantemente, ele aceita as analogias que os críticos fazem, associando sua vida a alguns personagens de seus filmes.

A questão da frustração também foi trabalhada por Freud (1930), tendo esse tema chamado nossa atenção, o que, a nosso ver, reveste-se de grande importância para a sociedade hipermoderna² com sua cultura hedonista, onde os personagens são tratados de modo ousado pelo diretor Tim Burton, que continua a abordar o tema de formas variadas, de modo a expô-lo ao público de maneira direta em seus diversos filmes³, dentro do seu mundo de fantasia, em seu “caricaturismo macabro”, como aponta o livro *O Estranho mundo de Tim Burton* (2011).

2 Ocorre um hiperinvestimento na esfera privada. O Eu, preocupação central de atenção e de interpretação, é um elemento constitutivo da personalidade deste indivíduo hipermoderno, tornando possível viver sem ideais, sem finalidades transcendentais (GONÇALVES, p.330, 2011).

3 Filmes Longa-metragem: *As Grandes Aventuras de Pee-wee*-1985; *Os fantasmas Se Divertem*- 1988

Batman- 1989; *Edward Mãos de Tesoura*- 1990; *Batman o Retorno*- 1992; *O Estranho Mundo de Jack*-1993; *Ed Wood*-1994; *Um Gaiato no Navio*- 1994; *Batman Eternamente*- 1995; *Marte Ataca!*- 1996; *James e o Pêssego Gigante*- 1996; *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça*- 1999; *Planeta dos Macacos*- 2001; *Peixe Grande e Suas Histórias Maravilhosas*-2003; *A Fantástica Fábrica de Chocolate*- 2005; *A Noiva- Cadáver*- 2005; *Sweeney Todd*- 2007; *9- A Salvação*- 2009; *Alice no País das Maravilhas*- 2010; *Sombras da Noite*- 2012; *Frankenweenie*- 2012; *Grandes Olhos*- 2014; *O Orfanato da Sra. Peregrine para Crianças Peculiares*- 2016; *Alice Através do Espelho*- 2016.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Considerando todo esse contexto, decidimos usar ambos os temas (a frustração e as produções de Tim Burton) em conjunto, principalmente pela afinidade direta entre os mesmos e a relação de complementação que mantêm. Como forma de enriquecer a discussão, procuramos, então, uma abordagem que tenha o cinema como forma de expressão e a abordagem psicanalítica de Freud (1930) como base epistemológica para a pesquisa.

A temática da frustração foi abordada por Freud em *O mal-estar na civilização* (1930). O foco principal é o antagonismo entre as exigências do instinto e as restrições impostas pela civilização.

Em benefício de uma terminologia uniforme, descreveremos como 'frustração' o fato de um instinto não poder ser satisfeito, como 'proibição' o regulamento pelo qual essa frustração é estabelecida, e como 'privação' a condição produzida pela proibição (FREUD, pg. 20, 1930).

Para Zimerman (2013) a frustração é inerente à condição humana, uma vez que também é produzida pelas leis da cultura, e sendo a produção de filmes uma forma de arte e no caso uma produção cultural, irá representar um contexto cultural mesmo que em um âmbito imaginário. Faz com que o espectador elabore a percepção do imaginário no mundo real, mostrando a importância do cinema para a sociedade (DOMINGUES, 2009).

No entanto, como observa Morin (1997), as análises mais frequentes do cinema, que observam sua condição de arte/indústria ou, ainda, de produto do *mass media*, oblitera um viés de compreensão que tenta perceber neste um bem com fortes impactos sobre elaborações simbólicas e, desde aí, com potencial para compor a formação cultural e as visões de mundo de indivíduos e grupos situados em posições que possibilitam a fruição do cinema como expressão de cultivo afetivo-intelectual (SILVA, pg.2, 2012).

É possível ver, a partir da citação acima, a importância de abordar determinados temas, inserindo o cinema no contexto da pesquisa, para que se possa ter um melhor entendimento do ponto de vista artístico e cultural de uma sociedade que na última década vem apresentando cada vez mais dificuldade em lidar com as frustrações. Sobre isso, Bauman (2010, pg. 84) afirma: "As tendências egocêntricas da sociedade contemporânea, uma cultura que promove uma estratégia de vida concentrada na busca da sensação de prazer e na aptidão física, compreendida como capacidade de absorver essas sensações e desfrutá-las de forma plena".

É nítida nessa citação a descrição de uma sociedade que lida com um contexto imediatista de busca por satisfação, algo que nos permite inferir a implicação de uma maior dificuldade em lidar com as situações que provoquem frustração, pois também segundo Bauman (pg.36, 2010), a geração de jovens da hipermodernidade "jamais experimentou grandes privações".

Neste ponto, se prova a importância de trabalhar com ambos, a frustração como tema e o cinema como uma forma de expressá-la, pois refletem fatos da sociedade atual.

Sendo assim, serão delineadas questões como: a) As produções cinematográficas dirigidas por Tim Burton realmente confrontam a cultura da não frustração, principalmente no filme *A fantástica fábrica de chocolate*? b) Como os personagens do filme podem caracterizar a hipermodernidade de indivíduos que tem dificuldade em lidar com a frustração? c) As produções de Tim Burton podem ser consideradas terapêuticas? E, por fim: d) Como o cinema e as produções de Tim Burton têm influência sobre os telespectadores que se deparam com o modo como o diretor trabalha com a frustração nos seus filmes?

Acreditamos que, explorando melhor o filme, será possível entender como a sociedade, vista pelos olhos deste diretor, lida direta ou indiretamente com a frustração, assim como quais os reflexos provocados pelo filme nos indivíduos que o assistem. Em face deste contexto, ressaltamos



a importância de tais estudos de forma a contribuir para o maior entendimento desse sentimento humano.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa será realizada por meio de um levantamento bibliográfico. O “material utilizado para o fornecimento de dados nas pesquisas bibliográficas é constituído basicamente por livros e revistas impressos em papel ou veiculados por meio eletrônico” (GIL, pg.88, 2002).

Ao utilizar como referência bibliográfica autores como: Freud (1856-1939), Edgar Morin (1921) e Paul A. Woods (2011), a proposta consiste em aprofundar o tema da frustração amplamente estudado por Freud, apoiado no que Morin discute sobre cinema e sua importância na sociedade. Para um melhor entendimento da obra de Tim Burton buscamos como referência Woods.

A pesquisa é de cunho exploratório, a qual objetiva a familiarização com um assunto ainda relativamente pouco conhecido e pouco explorado⁴, como a frustração na sociedade hipermoderna, tendo o cinema como elemento de conexão, capaz de influenciar a própria sociedade atual.

2.1 DESENVOLVIMENTO

Tendo em vista o estudo de grandes temas como a frustração no âmbito da psicanálise e sua aplicação na sociedade hipermoderna, o cinema produzido por Tim Burton é a “cola” entre esses temas. Em uma sociedade líquida (Bauman, 2010) e cheia de exageros, o cineasta Tim Burton vem ao encontro desta ideia “*From this most singular mind have sprung films whose only similarities are with their owner: scary and funny, dark and colorful*”⁵ (Ferenczi, pg.5, 2010).

Quando se fala do filme *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, nos vem a imagem de crianças mimadas e excessivamente protegidas por seus pais, com exceção do pequeno Charlie, cuja vida se encarregou de frustrá-lo quase que repetidamente por sua condição financeiramente miserável, não deixando de fora Willy Wonka, a figura excêntrica. Para interpretá-lo, Johnny Depp, em uma entrevista para o livro do *Tim Burton*, diz: “Eu o interpretei como se fosse uma criança mal-educada misturada com um apresentador de game show”. (WOODS, pg. 289, 2011). Assim como em seus outros filmes, (mesmo em seus filmes feitos com massinha, *O estranho mundo de Jack*, *James e o péssimo gigante*, *A noiva cadáver* e *Frankenweenie*⁶) o diretor Tim Burton traz o excêntrico e o diferente às telas, possibilitando que sejam realizadas reflexões sobre críticas sociais, produzindo sucesso ao nos alcançar com sua fotografia, figurino, maquiagem, cenário e trilha sonora, onde podemos citar precisamente do filme *A fantástica fábrica de chocolate*, as muito conhecidas músicas feitas pelos *oompa loompas*⁷, “Os epitáfios que fazem para cada criança que se dá mal e é despachada são megashows de produção, cada um com um estilo musical diferente.” (WOODS, pg.291, 2011). Todos os filmes seguem o tema bizarro e sombrio. “Na fábrica de Burton, o parque central tem um turbilhão ao estilo do Dr. Seuss, mas cada uma das maravilhas tem duplo sentido: você pode consumi-la, mas ela também pode consumir você” (WOODS,pg.291, 2008).

4 Sites acadêmicos:

Google Acadêmico: <https://scholar.google.com.br/schhp?hl=pt-BR&as_sdt=0,5> Acesso em: 28 março,2016.

SciELO: <<http://search.scielo.org/?q=&where=SCL>> Acesso em: 28 março, 2016.

5 “A partir desta mente mais singular surgiram filmes cujas únicas semelhanças são com o seu proprietário: assustador e engraçado, escuro e colorido”.

6 Longas.

7 Também podem ser chamados de Umpa-Lumpas nas edições brasileiras do livro de Roald Dahl, são [pigmeus](#) que vêm da Loompalândia, sendo os únicos trabalhadores na fábrica de [Willy Wonka](#), dando fim ao risco de [espionagem industrial](#). Eles têm cerca de trinta centímetros e o alimento que idolatram é o [cacau](#) um dos meios de pagamento que Willy Wonka fez, para que fossem trabalhar em sua fábrica de chocolate. (adaptado do site [Roald Dahl Wiki](#))



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Ao assistir o longa, temos a sensação de que a frase de Bauman (2010) - “Desfrute agora e pague depois” - tem um significado real no filme *A fantástica fábrica de chocolate*, onde uma a uma as crianças (Augustus Gloop; Violet Beauregarde; Veruca Salt e Mike Teavee) desfrutam de seus vícios e exageros até os seus extremos, como se não houvesse consequências, assim como para Bauman (2010), em uma sociedade capitalista que busca saciar seus desejos no agora e lidar com suas consequências depois, muitas vezes esquecendo de que tais consequências existem. Sendo assim, quando vemos os personagens a sensação que temos é que eles são figuras perfeitas para caracterizar os indivíduos hipermodernos que não sabem lidar com a frustração. Abandonar os padrões muito rígidos, ser condescendente com a falta de critérios, satisfazer todos os gostos sem privilegiar nenhum deles, promover a inconsistência e “flexibilidade” (nome politicamente correto da frouxidão de caráter) e exaltar a instabilidade e a incoerência. (BAUMAN, pg.34, 2010)

Ao associar tais apontamentos sobre a sociedade atual e sua dificuldade em ser frustrada, muitas vezes se faz a associação direta de frustração com a não realização do desejo, prazer. Porém, Freud (1920), ao falar sobre a frustração, baseia-se no princípio de constância, abordado no texto *Além do Princípio de Prazer* (1966), no qual aponta que o princípio de prazer tem dominância na vida mental, uma vez que se esforça para manter a quantidade de excitação o mais baixa possível, ou pelo menos constante. Por essa razão, quando algo ocorre que aumenta a excitação, esta é vista como adversa, desagradável, tentando ser evitada a todo custo. Sendo assim, o princípio de prazer advém do princípio de constância.

Em outras obras como *O mal-estar da civilização*, Freud (1966) discute as privações e como a sociedade e seus diferentes níveis culturais lidam com elas. Freud escreve ainda sobre como as diferentes personalidades vão lidar com as regras e restrições. Mesmo sendo uma literatura de vários séculos atrás, continua sendo considerada como atual.

Deschamps (2008) explica - em uma visão psicanalítica e moderna - a dificuldade atual da sociedade hipermoderna de lidar com a frustração. Em suas palavras: “Vemos surgir novas (ou renomeadas) patologias e uma grande queixa quanto a um vazio existencial que tenta suprir-se naquilo que seria o ato de consumir vorazmente bens, relações, tarefas, ideais etc” (DESCHAMPS, pg. 2, 2008).

É possível ver de maneira clara a dificuldade da sociedade hipermoderna em lidar com a frustração, por meio dos personagens do filme, onde cada uma delas “ganha” uma canção feita pelos oompas, que representam seus exageros e vícios, onde por se deixaram levar por seus desejos mostrando o seu desequilíbrio, se mostrando no extremo da realização do prazer⁸.

8 Canção dos Oompa Loompa

(Augustus) Augustus Gloop! Augustus Gloop!; O grande pateta avarento!; Augustus Gloop! Tão grande e vil!; Tão avarento, podre e infantil; 'Vamos!' nós gritamos, O tempo está pronto; Para mandá-lo cano a cima! ; Mas, caras crianças, não se assustem; Augustus Gloop não vai se machucar; Embora, é claro, tenhamos que admitir; Ele será alterado um pouquinho; Lentamente, as engrenagens vão girar e girar; E as engrenagens começarão a moer e triturar; Iremos fervê-lo um pouco; Até termos certeza; Então ele virá a sair! E agora! Pela graça!

Um milagre tomou lugar; Esse bruto avarento, essa pulga atrás da orelha; É amado por pessoas em todos os lugares!; Para aqueles que odeiam ou guardam rancor; Contra um delicioso pedaço de fudge?

(Violet) Atenção!; Está no ar; A Violeta Beauregard; Não se cansa de ficar mastigando, mastigando, mastigando sem parar; Sua boca já inchou, de tanto que ela mastigou; Bochechas grande como um sino, queixo igual a um violino; Mastigando sem parar; A cada dia cresce mais, uma das fenomenais; E como pai da multidão; Língua, língua cortarão; Por isso a gente vai tentar; Salvar a pobre Beauregarde; Mastigando sem parar; Mastigando, mastigando, mastigando sem parar

(Veruca) Veruca Salt, a menina malvada; Através do duto de lixo é levada; E ao descer vai encontrar um grupo de amigos ímpar; Como uma cabeça hoje cortada de um peixe espada; Uma ostra que era de um ensopado; Um bife que é uma sola; E muitas outras coisas assim; Todas com um cheiro bem ruim; Cheiro Horrível; São os amigos que vai conhecer; A Veruca ao descer; Quem foi que a mimou assim?; Quem a cada desejo dela dizia sim?; Quem a tornou insuportável?; Quem por isso é responsável?; Quem é o responsável?; Os culpados, bem, isso é doloroso; São a mãe



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

Deschamps (2008) escreve sobre a “dualidade psicanalítica”, a luta e equilíbrio entre Eros (vida) e Thanatos (morte). Poderíamos compará-los ao Yin Yang, que é explicado como a dualidade do universo; é o princípio que gera todas as coisas, onde passam a existir e para onde se destinam. A autora explica os dois termos de maneira muito similar ao Yin Yang: “Há Eros e Thanatos, há vida e morte, alento e desespero, amor e ódio, prazer e dor, desejo e frustração; pares que nos movem no dualismo freudiano” (DESCHAMPS, 2008). Vemos no equilíbrio entre ambos a necessidade da homeostase, pois estão presentes diariamente na vida humana. Porém, quando não há o equilíbrio, vemos o que acontece em uma sociedade que se move em grande parte por Eros, almejando e vivendo pelo desejo, não conseguindo, assim, aceitar a frustração, de modo que quando isso ocorre, há o desequilíbrio. Chegamos, nesse sentido, a uma sociedade com um vazio existencial intenso. Então, o que leva pessoas com dificuldade em aceitar os “nãos” que a realidade muitas vezes impõe a procurarem por filmes que abordam o desconforto do incomum e frustrante?

[...]É sombrio o suficiente para dar pesadelos aos jovens viciados em comer porcarias...Para os adultos, o filme é especialmente interessante para aqueles que cresceram lendo os livros infantis sarcasticamente moralistas de Roald Dahl [...] (Woods, pg.17, 2011)

Ao compreendermos melhor como Freud abrange as questões relacionadas à frustração, poderemos entender, então, como a cultura e a arte têm influência sobre as pessoas. Segundo Morin, “entender a sociedade com a ajuda do cinema e ao mesmo tempo entender o cinema com a ajuda da sociedade” (pg.10, 2014). Mesmo em 1927, Freud já apontava para a importância da arte, afirmando: “Um tipo diferente de satisfação é concedido aos participantes de uma unidade cultural pela arte” (FREUD, pg.10, 1966). O cinema é considerado a 7ª arte. O termo surgiu em 1911, por Ricciotto Canudo no “*Manifeste des Sept Arts*” (Manifesto das Sete Artes). Porém, o documento foi publicado apenas em 1923, com o intuito de distanciar a ideia de que o cinema era para as massas e mostrá-la então como uma das Belas Artes, pois para ele o cinema era uma arte que conciliava todas as outras artes, sendo vista por Canudo como uma arte total. Morin (2014) aponta que ele foi inspirado pela ideia de compreender a sociedade por meio do cinema e o cinema por meio da sociedade. “Assim, então antes mesmo de abordar o problema do cinema como fenômeno histórico-sociológico, eu precisava encarar esse problema “antropológico” ligado a algo fundamental e arcaico no espírito humano” (MORIN, pg.12, 2014).

Quando Morin aponta o “arcaico do espírito humano”, citado acima, podemos fazer a ligação com o que Freud coloca como os três pontos que permeiam todo o ser humano: o canibalismo, o incesto e o parricídio, pontos que mesmo sendo arcaicos estão presentes na sociedade de algum modo, mesmo que distanciados de sua forma real, inclusive dentro das diversas formas de arte.

Desde então, a indústria cinematográfica tem tomado diferentes rumos com seus gêneros cinematográficos: ação, comédia, drama, fantástico, ficção científica, *film noir*, musical, terror, thriller, *western* e subgêneros⁹. Porém, todas elas, assim como Morin (2014) aponta, irão proporcionar o

querida e o pai carinhoso

(Mike) A coisa mais importante que nos foi ensinada; A coisa mais importante que aprendemos no que diz respeito às crianças; Estão precopudas; É nunca, nunca deixá-las perto de uma TV ligada; Ou melhor é nem instalar esse coisa idiotizante no fim das contas; Ela apodrece os sentidos da cabeça, ela mata a imaginação; Ela obstrui e tumultua a mente, ela faz uma criança demente e Cega; Você nunca mais entende um conte de fadas numa terra de fadas; O cérebro dele ficará suave como um queijo; Seus poderes de pensar vão apodrecer e congelar; Ele não pode pensar, ele só vê!; Em relação ao Mikezinho Teavee; Nós lamentamos que nós (nós lamentamos que nós); Teremos que simplesmente esperar e ver...; Nós lamentamos muito que nós; Teremos que apenas esperar e ver; Se nós podermos fazê-lo voltar ao tamanho normal; Mas, se não podermos... Que sirva de lição!

⁹ Retirado do livro: Manuais de Cinema II: Gêneros Cinematográficos, autor: Luís Nogueira, 2010.



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

cultivo afetivo-intelectual, tendo um forte impacto sobre as elaborações simbólicas de quem os assiste.

Ao falarmos então da obra cinematográfica *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, podemos usar um trecho do livro de Dunker e Rodrigues (2015) para entendermos o quanto uma obra pode influenciar os espectadores. “A psicanálise costuma deter-se em obras de arte compostas de tal modo que a realidade do inconsciente se apresenta de modo a obrigar o espectador a implicar-se naquilo que vê ou escuta, sem poder permanecer indiferente”. (pg.36, 2015)

É o que acontece quando as pessoas assistem os filmes dirigidos por Tim Burton. Os autores fazem uma analogia de que o impacto estético das tramas está em trazer a “textura de uma fantasia universal, constituinte do psiquismo em nossa civilização” (DUNKER e RODRIGUES, pg.36, 2015). Eles se referem às privações que afetam a todos, tratadas por Freud em seu livro *O Mal-estar na Civilização*.

...descreveremos como ‘frustração’ o fato de um instinto não poder ser satisfeito, como ‘proibição’ o regulamento pelo qual essa frustração é estabelecida, e como ‘privação’ a condição produzida pela proibição. O primeiro passo consiste em distinguir entre privações que afetam a todos e privações que não afetam a todos, mas apenas a grupos, classes ou mesmo indivíduos isolados. (FREUD, pg.8, 1996)

Em referência ao filme, não podemos deixar de lado o excêntrico e “passivo-agressivo¹⁰” Willy Wonka.

Burton e o roteirista John August adicionaram um passado psicológico que não havia no livro: a fábrica é a fuga e uma retaliação ao pai dentista e repressor de Wonka. Agora, Willy é o artista adolescente eterno e definitivo que evita a família (ele não consegue nem dizer a palavra “pais” e se fecha em um mundo criado por si próprio). A Terra-do-Nunca como uma vingança-de-Édipo é também algo bem Michael Jackson, e imagino que esse pedaço extra de perversidade ajudou Burton a caprichar ainda mais em sua imaginação visual de sonhos. (WOODS, pg.291, 2011)

Willy Wonka foi privado dos seus desejos, proibido de satisfazê-los pelo pai dominador Wilbur Wonka, que o abandona quando Willy diz que não irá parar de comer doces e que se tornará um mestre chocolateiro. Em retaliação ele cria, então, a fábrica de chocolate em sua vida adulta. Burton tem uma ligação com a infância de maneira intensa, sendo uma das razões de ter colocado a história de vida do desajustado Will Wonka.

Um filme que retrata tais situações (satisfação dos desejos e frustração) leva as pessoas a se identificarem com os personagens. Afinal, quem nunca teve uma vontade absurda de comer doces até não aguentar mais, como Augustus Gloop; ou nos achamos invencíveis e superiores como Violet Beauregarde e Mike Teavee; ou agimos como crianças mimadas quando queremos algo que não podemos ter, assim como Veruca Salt, ou como Willy Wonka desejamos viver “a terra-do-nunca”, onde não há limites entre a realidade e a imaginação, onde tudo é possível.

Mas não é fácil adocicar o moralismo de Roald Dahl, ou o sadismo, no livro *A fantástica fábrica de chocolate*, no qual quatro crianças egocêntricas (com exceção do pequeno Charlie Bucket, o herói querido) recebem o que merecem: suas justas, vã sobremesas. (WOODS, pg. 290, 2011)

Assim como no filme, na vida real pode ser identificada tais atitudes infantis, mesmo em adultos. Sendo assim, mesmo quando vemos cada uma das crianças serem punidas pelos seus excessos, nos sentimos bem em compartilhar seus exageros; mas, no final, nos identificamos na

10 (WOODS, pg.291, 2011),



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

realidade com o pobre Charlie, o bom menino que se priva dos prazeres e acaba recompensado no final, com uma Fábrica de Chocolate e uma família contente e unida, de modo que chegamos a nos sentir bem por não sermos uma “criança tola”, como diria Willy Wonka. Sendo assim, os telespectadores são confrontados na sua tentativa de se esquivar da frutuação, pois mesmo com as punições constantes em seus filmes, Burton, com sua alegria macabra, que beira ao infantil, nos mantém ligados ao filme, por ser “bizarramente divertido do começo ao fim, mesmo quando aquelas balas que não acabam nunca ficam presas em nossa garganta” (WOODS, pg.292, 2011). Sendo assim, a arte influencia também aqueles que o assistem, confrontando, de maneira terapêutica, algo que na vida real causa incômodo: a frustração.

A arte, assim como já dito anteriormente, influencia e é influenciada pela sociedade. Os longas e curtas dirigidos por Tim Burton, a partir de um viés psicanalítico, são expressões simbólicas de fantasias, fazendo-se presente em todos os indivíduos, incluindo quem dirige as produções cinematográficas.

Quanto mais perto da estrutura esteja, menos livre será o escritor nas escolhas dos avatares dos personagens da trama ficcional. Qualquer escritor sabe que é mais conduzido do que condutor de suas personagens. É esta submissão às coerções da estrutura, precisamente, que o psicanalista enxerga como a grandeza de uma obra. (DUNKER e RODRIGUES, pg.36, 2015)

Tim Burton teve uma infância e adolescência em um local onde se considerava deslocado e onde não era bem compreendido. Sua fuga de tal realidade era por meio dos filmes, que eram tão incomuns quanto ele¹¹. “O jovem Tim Burton se refugiou no mundo da imaginação, que o abrigou” (WOODS, pg.8, 2011). Nesse mundo, foi influenciado por essas produções, na estética gótico-infantil, para produzir sua base cinematográfica.

In these very literary horror films, Burton found an outlet for his childish terrors and lonely teenager's angst and, strangely, he even saw similarities in them to his own life: 'Growing up in suburbia, in an atmosphere that was perceived as nice and normal (but which I had other feelings about), those movies were a way to certain feelings, and I related them to the place I was growing up in'.¹² (FERENCZI, pg.9, 2011)

Em várias entrevistas, Tim Burton afirma que as criações de seus filmes partiram de identificações e projeções suas, sendo a mais clássicas delas o filme *Edward mãos de tesoura*¹³. Com *A fantástica fábrica de chocolate* não foi diferente. Burton utiliza os filmes que dirige como uma canalização sublimada de suas fantasias. “O cineasta monta a realidade para expor o seu pensamento [...] o sentido que ele quer dar para o mundo que está a sua volta” (DUNKER, RODRIGUES, pg. 67, 2015), tendo, assim, uma função terapêutica em sua vida. Para Burton, tudo gira em torno da infância, nos medos que tecem o imaginário infantil, que o agregam com diferentes coisas provindas das fantasias infantis, não muito longe do que Freud apontava sobre a constituição da personalidade do homem.

Filmes são tão terapêuticos quanto sonhos, pois se aproximam do universo onírico. Ambos abalam o tempo e o espaço, em ambos se manifestam imagens latentes tanto dos desejos quanto

11 Diretores e produtores: Mario Brava; Vincent Price; Roger Corman; Barbara Steele.

12 Nestes literias filmes de terror, Burton encontrou uma saída para seus terrores infantis e angústias de um adolescente solitário e, estranhamente, ele mesmo viu semelhanças neles com sua própria vida: 'Crescendo em subúrbios, em uma atmosfera que foi percebida como agradável e normal (Mas na qual eu tinha outros sentimentos), esses filmes eram um meio para certos sentimentos, e eu os relacionava com o lugar em que cresci.'

13 “...era o jeito de Burton dizer: não posso evitar minha hostilidade, é assim que fui feito”. (WOODS, pg.291, 2011)



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

dos temores. Quando, então, escolhemos analisar como a frustração está implícita e explícita nos filmes de Tim Burton, principalmente na *Fantástica fábrica de chocolate*, e como ela nos afeta por meio do filme e o quanto da sociedade está estampada a cada personagem e cena do filme, podemos então usar a fala de Dunker e Rodrigues (2015) para tentar entender o porquê da importância dessa análise.

Trata-se de um modo inequívoco de afirmar que esses produtos industriais nos dizem respeito, que devemos aprender a nos reconhecer neles, não naquilo em que eles nos encantam, em seu poder de sedução, mas precisamente para que esse encanto se desfaça. Modo astuto de transformar cultura de massas em instrumento de uma crítica certeira. (pg. 92)

Quando entendemos que a frustração maior é quando as crianças saem do jogo por conta dos seus excessos e vícios, temos tanto pais como crianças, frustradas e punidas, em uma crítica e analogia à vida real, a saídas destas da competição. Punir os pais que deixaram seus filhos agirem como pequenos adultos ao resguardá-los de reprimendas e limites, os pais são boicotados ao notarem que não exerceram a autoridade parental e sim atuaram como meros observadores da criação de seus filhos, aos lhes dar o que queriam para não terem que lidar com a incômoda parte de ser pai, que envolve estabelecer limites. Vemos, assim, pais tão infantis quanto seus filhos. Por viverem na libertinagem de seus desejos acabam sendo sucumbidos pelos mesmos. A saída da competição nada mais seria que a imposição da realidade de que para toda a ação se tem uma reação, onde os excessos e vícios não passam sem consequências. Retomando Bauman (2010), aqui seria o momento em que “a conta do cartão de crédito” chega para ser paga. A *fantástica fábrica de chocolate* nada mais mostra que quando se vive mais pelo princípio de realidade do que pelo princípio de prazer e a mediação correta do ego e do superego, mediadas pelas leis que regem a boa convivência, você será recompensado como Charlie foi ao ganhar uma fábrica de chocolate, uma vida financeira privilegiada e uma família feliz e unida, ou, como Willy Wonka, que ao escolher se reconciliar com o pai e ter o movimento empático de deixar que os pais de Charlie morassem também em sua fábrica, Willy Wonka consegue alcançar sua criatividade e sua felicidade novamente. Porém, o que resta para aqueles que desejam viver de seus vícios e excessos é a vida real que irá cobrar “o que merecem: suas justas, vãs sobremesas.” (WOODS,pg. 290, 2011).

3 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como intuito trazer mais conhecimento sobre um âmbito pouco trabalhado, que foi como o tema frustração e a hipermodernidade estão presentes nos filmes dirigidos por Tim Burton, tomando o filme *A fantástica fábrica de chocolate*. Tendo como base para tal afirmação o estudo dos autores, Freud para a explanação do âmbito psicanalítico da frustração; o sociólogo Edgar Morin e o autor de cinematografias de grandes diretores do cinema, Paul A. Woods. Com a explanação do que eles apresentam em suas obras em conjunto com o que o filme expõe, mostrando como os personagens do filme caracterizam a cultura da não frustração, a sociedade hipermoderna.

Por meio também da pesquisa bibliográfica foi possível ver que o longa pode ser considerado como “terapêutico”, tanto para quem o assiste como para seu diretor Tim Burton, mostrando, assim, sua influência na sociedade e a influência desta nas direções de Tim Burton, podendo ser visto como é influenciada pela sociedade, por meio dos personagens que como explanado ao longo do projeto, caracterizam a hipermodernidade de indivíduos que tem dificuldade em lidar com a frustração. Foi possível por meio da produção do projeto que o cinema e as produções de Tim Burton têm influência sobre os telespectadores que se deparam com o modo como o diretor trabalha



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

com a frustração nos seus filmes, onde vivenciam tais experiências por meio dos longas e em especial pela *A fantástica fábrica de chocolate*.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro. Zahar, 2010.

BEZERRA, Adriano. **O discurso do desejo na psicanálise freudiana**. Tese (Pró-Reitoria de Graduação Curso de Psicologia). Universidade Católica de Brasília. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/1260/1/Adriano%20Pereira%20Beserra.pdf>>. Acesso em: 12 março, 2016.

DESCHAMPS, Denise. **Psicanálise e a Frustração**. Rede Psi, 28 de abril de 2008. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2008/04/28/psican-lise-e-a-frustra-o/>>. Acesso em 05 de março, 2017.

DOMINGUES, José. **O espectador de cinema, homem imaginário**. 6º Congresso SOPCOM. Covilhã, Portugal. Universidade da Beira Interior, 2009. Disponível em: <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/332/315>. Acesso em 14 março, 2016.

DUNKER, Christian; ROGRIGUES, Ana. **A realidade e o real: verdade em estrutura de ficção**. Cinema e psicanálise- Vol. 2. nVersos, 2015.

ELFMAN Danny. **Charlie And The Chocolate Factory**. Letras. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/charlie-and-the-chocolate-factory/>>. Acesso em: 27 julho, 2017.

FERENCZI, Aurélien. **Masters of cinema- Tim Burton**. Translated by Trista Selous, Paris. Cashiers du cinema Sarl, 2011.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupos e outros Trabalhos (1920-22)**. in ESB, Obras Psicológicas Completas. Vol XVIII Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Vol. XXI. Rio de Janeiro. Imago, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ªEd- São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Indivíduo hipermoderno e o consumo**. 327 Anais do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar. Caxias do Sul, 2011.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II: Géneros Cinematográficos**. LabCom Books, 2010.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Ensaio de Antropologia Sociológica. Tradução de Luciano Loprete. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

